

PÁGINAS VERMELHAS COM CASSANDRA RIOS: NARRATIVAS DE VIDA E DE MORTE NA REVISTA TPM (2001)

KYARA MARIA DE ALMEIDA VIEIRA

Universidade Federal de Pernambuco/ kykalua@ig.com.br

“Há dias em que sobre em mim, como que da terra alheia à cabeça própria, um tédio, uma mágoa, uma angústia de viver que só me não parece insuportável porque de facto a suporto. É um estrangulamento da vida em mim mesmo, um desejo de ser outra pessoa em todos os poros, uma breve notícia do fim.” (Fernando Pessoa, **Livro do Desassossego**, 2006, p. 319).

Em sua constância de acontecer, a morte sugere uma urgência da vida, que a cada segundo é solapada pela sua finitude, por sua fragilidade sem consolo, pelo irreversível do tempo que não volta. Um estrangulamento da vida vai se dando ao passo que passado e presente se confundem pela falta de esperança num futuro que se sabe não virá: “(...) uma breve notícia do fim” (PESSOA, 2006, p. 319), grita Cassandra Rios em sua última entrevista, concedida a *Revista TPM* (Nº 3, julho/ 2001), oito meses antes de sua morte, no dia oito de março de 2002. Já sabendo do câncer que se alojara em seu útero, desistindo várias vezes de seguir as orientações médicas para a realização da cirurgia e retirada do tumor (RIOS, 2000), a autora prefere acreditar que será curada pela aplicação do Johrei, elemento principal da Igreja Messiânica¹, que é a crença na transmissão da Luz Divina através da palma das mãos.

Cada palavra de Cassandra parece conter uma lágrima de tristeza com sorriso nos lábios. Os cortes que a sangraram durante sua trajetória de escritora, devido sua ‘ousadia’ de escrever sobre a vida que pulsa e sobre o que poucas pessoas tinham

¹ Ao final da vida Cassandra se converteu à Igreja Messiânica Mundial, que é uma instituição religiosa fundada em 1 de janeiro de 1935 no Japão por Mokiti Okada (1882-1955), cujo nome religioso é Meishu-Sama (Senhor da Luz). Ela é classificada como uma nova religião japonesa. Mokiti Okada, afirma que, por revelação, recebeu de Deus a missão de dar início à construção do *Paraíso Terrestre*, o mundo ideal consubstanciado na trilogia verdade, bem e belo em que a civilização atual se transformaria ainda neste século XXI. Um mundo em que a doença, a miséria e o conflito dariam lugar à saúde, a prosperidade e à paz.

coragem de falar (experiências de desejos), não a fizeram deixar de escrever. Como afirmou Cassandra Rios (2001, p. 10) ao ser perguntada sobre o que espera do futuro: “Não tenho expectativa nenhuma. Continuo escrevendo, como se fosse o começo. É tão bom recomeçar. Se não for perseguida de novo, vai ser muito chato! [risos]”

Ao mesmo tempo em que se diz sem nenhuma expectativa, a autora fala em recomeço, e ironiza todos os transtornos causados pela censura, tendo em vista que toda sua renda se devia aos direitos autorais de suas obras, e ao ter 36 dos quase 50 livros censurados, teve que se desfazer de vários bens: “(...) Para sobreviver, vendi os bens que tinha. Terrenos, casas, automóveis, telefones” (RIOS, 2001, p. 11), ficando apenas com seu apartamento na Vila Buarque, centro de São Paulo. Mesmo assim, não ser perseguida seria muito chato.

Não há como se desvencilhar das leituras que são feitas de seus romances, e nem como se esquivar da importância que os mesmos terão por colocar em cena, personagens pouco narradas, pouco visibilidades: mulheres que desejam e amam mulheres. Com um detalhe fundamental: essas tramas são produzidas por uma mulher, e uma mulher que chegou a significativa marca de vender um milhão de livros numa época em que apenas Jorge Amado e Érico Veríssimo conseguiram a proeza de sobreviver de direitos autorais. Entre as décadas de 1960-1970, Cassandra Rios teve o auge do seu sucesso, com sucessivas reedições de seus livros, convites para participar de vários programas de rádio e televisão.

Nos anos de censura no Brasil, os governos se embrenharam na tarefa de definir o que era obsceno, pornográfico, ultrajante ao pudor, definindo as regras para avaliar as matérias submetidas à Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP) e ao Serviço de Censura e Diversões Públicas (SCDP). Mesmo pregando a “livre manifestação”, a Constituição Federal, em seu art. 8º, letra “d”, afirmava que “Não serão, porém, toleradas a propaganda de guerra, a subversão da ordem ou o preconceito de religião, de raça ou de classe e as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes.” (BERG, 2002, p. 99). Tal parágrafo estabelecia os parâmetros para a seleção dos assuntos a serem examinados com maior cuidado pelos Técnicos da Censura, quais sejam: sexo, política, tóxicos, violência, além de outros englobados sobre a designação de “geral”. Ao ser perguntada se a censura de suas obras nesse período se dava porque era uma mulher, Cassandra afirma: “Se o homem escreve, ele é sábio, experiente. Se a mulher escreve, é ninfomaniaca, tarada.” (RIOS, 2001, p. 5).

Para além da clara demarcação de gênero² sobre o que homens e mulheres seriam capazes de escrever e lhes seria permitido escrever, os livros de Cassandra traziam algo singular: além de construir personagens mulheres assexuadas, com desejos, fetiches, sonhos, tinha outra peculiaridade: em seus romances essas mulheres eram as personagens centrais, eram felizes com outras mulheres, se realizavam afetivo-emocional e sexualmente com outras mulheres, borravam as fronteiras da heteronormatividade³, assim com a autora, que saía de casa cedo a partir de um casamento relâmpago e “de fachada” com um amigo do qual se separou no caminho para ‘lua de mel’, que muito jovem se tornou uma mulher independente, que mantinha relações de amor e desejo com outras mulheres.

Desta feita, uma autora que tem uma estética de vida que rasura o que está prescrito moralmente para uma mulher, que produz romances que ousam dizer o nome do amor/ desejo a tanto silenciado, descredenciado e desacreditado, será inscrita no hall das autoras malditas, daquelas que devem ser banidas, impedidas de circular por dar existência a sujeitos outrora ausentes das mais variadas tramas, sejam literárias ou não. Como afirma Stevens (S/ D, p. 2), “ainda neste terceiro milênio em que vivemos - apenas citando o exemplo brasileiro, a voz autoral ainda é majoritariamente masculina.”, e mais ainda quando se trata de escritos destinados às experiências da sexualidade.

Portanto, não é por acaso ou de maneira despreziosa que a autora terá sua literatura repetidamente classificada de literatura pornográfica, de folhetim, literatura de baixa qualidade, ou ainda como definiu Caldas (2000): “paraliteratura”. Como em outras entrevistas, ao ser perguntada sobre essa classificação de sua literatura, Cassandra se posiciona de forma incisiva:

² A partir de fins dos anos 1960, algumas teóricas feministas, instigadas pela declaração de Simone de Beauvoir de que não se nasce mulher, mas torna-se mulher, irão questionar o determinismo biológico enquanto definidor dos sujeitos, em especial das mulheres. Tais questionamentos irão propor o uso do conceito de “Gênero” enquanto uma categoria útil de análise. Esse conceito irá se tornar polissêmico, e variadas serão suas apropriações ao longo dos anos 1970-80-90. Nos anos 1980, os escritos feministas de Adriene Rich, Monique Wittig, Guile Rubin irão questionar o racismo e o heterossexismo implícitos na própria categoria de gênero, produzindo uma crítica à centralidade da heterossexualidade compulsória na formação do conceito de gênero e na noção de diferença sexual. E nos anos 1990, outras feministas como Judith Butler, Jane Flax, Denise Riley, inspirando-se no Pós-estruturalismo e sua teorização da linguagem, irão propor repensar a categoria de gênero com a desconstrução da noção de identidade de gênero. Scott (1995), Lauretis (1994), Butler (1987; 2003), Da Conceição (2009).

³ Heteronormatividade, entendida aqui na perspectiva de Lauren Berlant e Michael Warner (2002, p. 230): “[...] aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral.”

Essa classificação surgiu por eu não ter medo de explorar determinados assuntos. Mas nunca escrevi sobre sexo, sempre fui amorosa. Agora, o amor é erótico! (...) Meus livros não são pornográficos. São livros de amor. Falam da atração que uma pessoa exerce sobre a outra. Há aquele processo de se interessar, de namorar. (RIOS, 2001, p. 7)

Falar de amor. Esse era seu desejo. Defender seu direito de escrever sem que sua obra a definisse, sem sua obra fosse definida por suas ações cotidianas, sem que a autora suplantasse o livro, e sem que o livro estabelecesse seu lugar no mundo. Como numa derradeira tentativa, em sua última entrevista, Cassandra esclarece mais uma vez: não era pornográfica, não falava de sexo pelo sexo, não há sexo sem amor, porque isso “é uma coisa animal, para que fazer sexo sem amor?” (RIOS, 2001, p. 7). Como num último sopro de defesa de sua arte, seja como Cassandra, seja na separação que faz de Odete, o sexo sem amor é impensável não só para as suas personagens ficcionais, mas também nas experiências cotidianas. Portanto, não poderia ela escrever pornografia, tendo em vista que suas tramas falam de sentimentos e práticas humanas.

A entrevista se desenrola com perguntas sobre família, crítica literária, o início de sua carreira de escritora, relação com a censura, o uso do pseudônimo de Cassandra e a separação entre Cassandra e Odete (seu nome de batismo), mas retorna às nuances da sexualidade (sua e das personagens que criou), e nesses momentos Cassandra demonstra timidez, inquietude, nervosismo, irritação. Como no trecho em que diz: “A vida sexual é importante, mas não é prioritária. O que comandou minha vida foram meus livros, minha literatura... bom, a finalidade da entrevista é sexo?” Ao que Fernando Luna responde: “A finalidade é conhecer você.” E Cassandra ratifica: “Então deixa o sexo para os livros, tá? Não sou uma história, eu escrevo história. Se disse que faço tudo aquilo que escrevo, estou mentindo. Sou uma coisa, minha obra é outra.” (RIOS, 2001, p. 5).

Se quem escreve mora nas palavras, não há relação de imanência entre quem escreve e a obra que escreve. Os possíveis contatos, as possíveis bifurcações não são obrigatórias nem indeléveis. Enquanto a morte está à espreita, como um fantasma a balançar as cortinas da memória, ao falar se sua trajetória e de sua obra, do voto de castidade feito havia três anos em prol da recuperação de sua mãe que falecera em 1998; agora era seu corpo se consumindo pela fragilidade das células cancerígenas, e ainda assim estava na sala de seu apartamento, exposta às mesmas perguntas e classificações

de toda sua trajetória de 50 anos de escritora. Vem então “um desejo de ser outra pessoa em todos os poros”, como afirmou Pessoa em seu **Desassossego**, ou como afirmou Cassandra: “A Odete sou eu, a Cassandra sou eu quando escrevo.” (RIOS, 2001, p. 8)

Essa verdade sobre a autora que é tão buscada pela crítica, pelos censores, pelos/as leitores/as, e que deveria está contida em sua obra, causa decepção, quando a própria autora não se reconhece no que escreve, ao se dizer “conservadora e moralista” (RIOS, Tpm, 2001, p. 9), que tinha vergonha de reler o que escrevia. Como afirma Gomes (2004, p. 16), “O indivíduo/ autor não é nem ‘anterior’ ao texto, uma ‘essência’ refletida por um ‘objeto’ de sua vontade, nem ‘posterior’ ao texto, um efeito, uma invenção do discurso que constrói.”

Mesmo numa entrevista realizada anos após de seu grande sucesso editorial, após seus anos de reclusão e ausência do mercado literário, o que é retomado nas perguntas que lhes são feitas, é a curiosidade sobre sua vida pessoal, sobre suas experiências amorosas, sobre sua preferência sexual, sobre a possibilidade de assumir-se ou não, sobre a possibilidade de alguém escrever tanto e tão detalhadamente sobre experiências que não teve. E, em sua ironia fina, Cassandra fala de suas dores e de suas mágoas, retoma a defesa de sua obra e de seu direito de escritora:

O que mais me incomodou foi me encararem como personagem de livro. Então não tenho capacidade para ser escritora?! Diziam que eu era Eudemônia⁴. (...) Não ligo se dizem que sou homossexual ou heterossexual. Mas sou escritora! Fere a mim com escritora acharem que só tenho capacidade de escrever aquilo que vivo. Sou ficcionista, eu crio! (RIOS, 2001, p. 8)

Certamente a escrita resulta do material cultural a qual se tem acesso, também a escrita ficcional não está para além do cotidiano ou das possibilidades de viver o/ no mundo. Mas, mesmo que se reconheça junto com Kundera (2009, p. 29) que “todos os romances de todos os tempos se volta para o enigma do eu”, esse autor também faz algumas ponderações que provocam outras leituras sobre essa relação entre a escrita e a busca do ‘eu’. Escreve ele: “O homem quer revelar pela ação sua própria imagem, mas essa imagem não se parece com ele. O caráter paradoxal da ação é uma das grandes descobertas do romance. Mas se o eu não é atingível na ação, onde e como podemos

⁴ O livro **Eudemônia**, ao contrário do que se pode inferir, é uma palavra que vem do grego **eudaimonia** (felicidade), é uma doutrina segundo a qual a felicidade é o objetivo da vida humana foi publicado pela primeira vez 1949, mas proibido só 1952. Devido a ele, Cassandra foi processada 19 vezes, e chegou a ser condenada a um ano de prisão, mas não chegou a ser presa. (RIOS, 1977; RIOS, 2000, RIOS, 2001).

atingi-lo?” A questão não é buscar no romance esse ‘eu’ interior do qual quem escreve não poderia escapar, e que as personagens de alguma forma faria palpável, visível! Há outras possibilidades de pensar a literatura quando se admite que essa interioridade se dilui pela violência do momento presente, que, por mais materializável que seja, é irremediavelmente esquecido no momento seguinte.

A questão radicalmente importante para Cassandra sobre sua literatura e seu lugar no mundo não era essa interioridade do ‘eu’, porque aí se digladiaria a necessidade da vida e inevitabilidade da morte. Então qual seu lugar na literatura? “Meu lugar na literatura brasileira? Na mão do leitor! Não quero receber troféus, honrarias ou méritos⁵. Quero ser lida, mesmo que achem uma droga.” (Cassandra Rios, *Revista TPM*, 2001, p. 7)

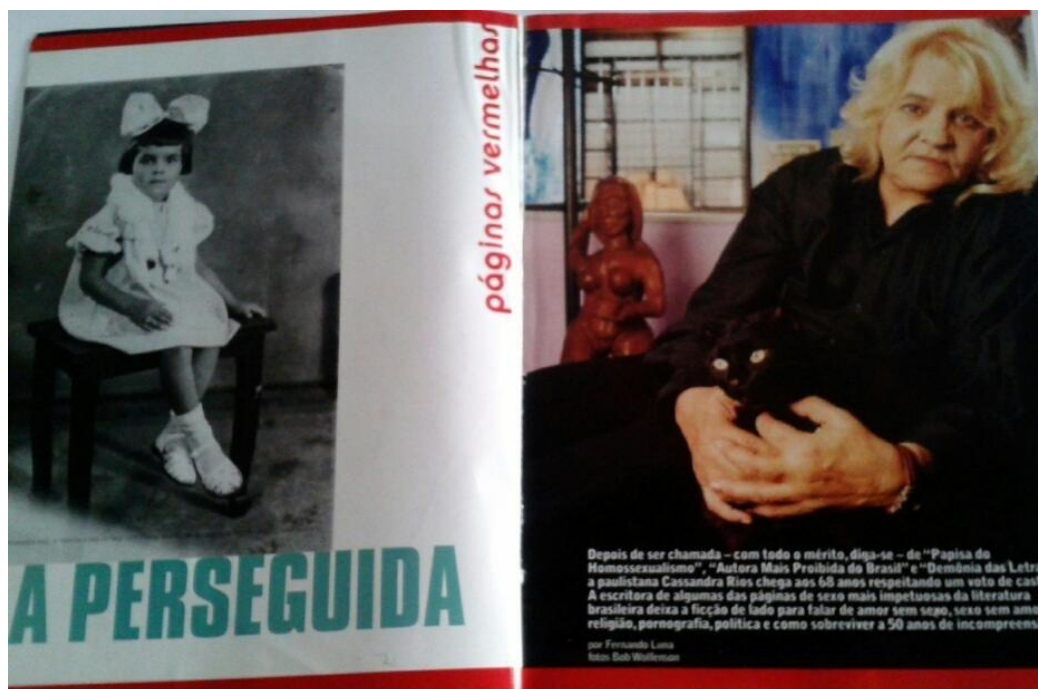
As mãos que se lançam sobre o teclado e produzem livros inteiros, as mãos que realizam as ações que podem revelar as imagens de si e do mundo, as mãos que acalantam e ferem, as mãos que dão prazer e dor... São elas também o lugar de aconchego e contato entre Cassandra e leitores/as; são essas mãos que dão a chance a sua obra ser abraçada, de seu sonho como escritora se alcançado, mesmo que a posteriori seja vilipendiada. São as mãos que trilham as estadas da vida e da morte entre a obra e sua autora, entre a autora e o mundo.

E são sobre as mãos que aparecem nas páginas iniciais da entrevista aqui analisada, que quero iniciar as possíveis conclusões sobre esse texto. Pensar como na sua trajetória, Cassandra Rios foi convocada a usar suas mãos para outras narrativas, para produzir outras histórias, embora o incômodo também se desse porque não permitiu que sua vida fosse a história que iria contar, como queriam e esperavam que ela contasse. É sobre suas mãos e sobre a maneira como elas ocupam a ilustração primeira da última entrevista de sua vida que quero deslizar... Sobre as mãos deslizar...

A seguir eis as imagens das quais falo, que são marcadas por palavras de ordem como o título da reportagem: “A Perseguida”, ou ainda a adjetivação que a associa a algo ainda proibido: “**páginas vermelhas**”, com bordas vermelhas para as páginas, trazendo ainda como cartão de visita, algumas definições atribuídas a Cassandra nos

⁵ Em 1964, Cassandra Rios recebeu a “Cruz do Mérito Social”, uma Comenda do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais. (Cf. *Jornal Lâmpião da Esquina*, 1978, p.10, coluna 3). No *Jornal Diário de Pernambuco* de janeiro de 1978 (p. A-7, coluna 1), o escritor Jorge Amado tece elogios a literatura de Cassandra Rios e critica porque ninguém protestou quando os livros de Cassandra foram censurados.

anos 1970-1980: a “Papisa do Homossexualismo”, “Demônia das Letras”, e segundo a reportagem, títulos que Cassandra recebeu “com todo mérito”.



Páginas iniciais da entrevista com Cassandra Rios (*Revista TPM*, 2001) – Na página da esquerda, Cassandra Rios aos 3 anos de idade. Na página da direita, Cassandra aos 68 anos, em março de 2001, no dia da entrevista em seu apartamento, com um de seus 6 gatos. (Foto Bob Wolfenson)

Mas, se ela mesma dizia não querer honrarias, troféus ou méritos, são suas mãos que me chamam o olhar. Mãos que ora tentam se segurar no banco, ora seguram-se no seu felino, com o frescor dos 3 anos de existência, com os efeitos dos 68 anos vividos; são suas mãos que quase se confundem com o frescor da idade e a pureza do branco de sua roupa, ou quase se perdem entre o negro de sua roupa, do seu negro gato de olhos reluzentes, dos efeitos do anos ultrapassados; são suas mãos que produzem sua arte, esta que a levou ao sucesso vanguardista numa país de poucos leitores/as, e que também a levou a assinar as petições em delegacias pela associação entre suas personagens e sua vida cotidiana. Mas, são também as suas mãos que fazem uma sombra de cor e aproximação com a estátua feminina que, com suas mãos, ao fundo da imagem, está a espera de receber alguma oferta, ou segura sua mente no inconfesso e inquietante vislumbre de suas idéias.

Para além dessas definições que lhes atribuíram, Cassandra Rios era muito mais, sua obra pode ser muito mais. Como afirma Milan Kundera (2009, p. 32): “Que a vida seja uma armadilha, isso sempre soubemos: nascemos sem ter pedido, presos a um

corpo que não escolhemos e destinados a morrer. Em compensação, o espaço do mundo proporcionava uma permanente possibilidade de evasão.”

Páginas vermelhas com Cassandra Rios: narrativas de vida e de morte. E nesse intervalo, evasão, mãos, desejos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERG, Creuza. **Mecanismos do silêncio: expressões artísticas e censura no regime militar (1964-1984)**. São Carlos: EduFSCar, 2002.

BERLANT, Laurent e WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor) **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona: Içaria, 2002.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault”. In: Seyla Benhabib e Drucilla Cornell (coord.). In. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

_____. **Problemas de gêneros. Feminismo e Subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS, Waldenyr. **Literatura da cultura de massa**. São Paulo: Musa Editora, 2000.

DA CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. In. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (RBSE). Vol. 9, n. 24, Dezembro, 2009.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In. HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. Organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIOS, Cassandra. **Censura. Minha luta meu amor**. São Paulo: Global Editora, 1977.

_____. **MezzAmaro, flores e Cassis – O pecado de Cassandra**. São Paulo: Pétalas, 2000.

_____. A perseguida. **Revista TPM**. São Paulo: Trip Propaganda e Editora, n.3, jul.2001. p.2-11. Entrevista concedida a Fernando Luna.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p.71-99, jul/dez. 1995.

STEVENS, Cristina Maria T. **A escrita mulher: A mulher-escrita?** In. Livro eletrônico. Sem data. Endereço: http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros_eletronicos/26012011-111603a-escrita-mulherlivroeletronico.pdf

Jorge Amado elogia o romance brasileiro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 21 de janeiro de 1978. p. A-7, coluna 1.